



VIDAS, MEMÓRIAS E VOZES: ARTE E POLÍTICA NO RIO GRANDE DO NORTE

VIDAS, MEMORIAS Y VOCES: ARTE Y POLÍTICA EN RIO GRANDE DO NORTE

Fabíola Cristina Alves¹
DEART/MATIZES - UFRN

Lorena Gabriele Bezerra dos Santos²
MATIZES - UFRN

RESUMO

Este artigo traça conexões entre os depoimentos concedidos no âmbito do projeto intitulado Artes Visuais no Rio Grande do Norte (1970 a 2000): fontes visuais e documentais (UFRN), a bibliografia, fontes primárias e secundárias. A metodologia adotada foi a história oral adaptada ao contexto do isolamento social decorrente da pandemia (covid-19). As entrevistas foram realizadas durante os anos de 2021 e 2022, em formato remoto. O estudo apresenta brevemente o contexto histórico e artístico relatado pelos entrevistados, considerando o período da ditadura e da redemocratização no Brasil. Em seguida, destacam-se as vozes de cada depoente, traçando a partir das memórias compartilhadas um panorama sobre as mudanças ocorridas nas Artes Visuais no Rio Grande do Norte (RN).

PALAVRAS-CHAVE

Artes Visuais no RN. Arte brasileira. Movimentos artísticos. Relatos biográficos. Arte Contemporânea.

RESUMEN

Este artículo establece conexiones entre los testimonios dados en el ámbito del proyecto Artes Visuales en Río Grande del Norte (1970 a 2000): fuentes visuales y documentales (UFRN), la literatura, fuentes primarias y secundarias. La metodología adoptada fue la historia oral adaptada al contexto de aislamiento social derivado de la pandemia (covid-19). Las entrevistas se realizaron en 2021 y 2022, en formato remoto. En este artículo se presenta brevemente el contexto histórico y artístico relatado por los entrevistados, considerando el período de dictadura y redemocratización en Brasil. Luego, se destacan las voces de cada declarante, extrayendo de las memorias compartidas un panorama de los cambios ocurridos en las artes visuales en Río Grande del Norte (RN).

PALABRAS CLAVE

Artes Visuales en RN. Arte brasileño. Movimientos artísticos. Relatos biográficos. Arte Contemporáneo.

Antes e depois

No Brasil, o período que compreende o final do século XX foi marcado pela ditadura militar, experiências e eventos de censura. Posteriormente, pelo processo de



redemocratização, de globalização e manifestações da contracultura. Igualmente, foi um período de grande produção e expressão da arte brasileira. As obras de arte, plásticas e das novas mídias realizadas entre as décadas de 1970 a 2000 são, certamente, do ponto de vista simbólico e artístico, um importante legado. Nesse momento, a arte brasileira rompeu com antigas tradições e deu lugar a arte de tendência conceitual, experimentações em performance, objeto, videoarte, práticas híbridas. Esse contexto de caráter nacional e internacional foi território de discussão e desenvolvimento da arte contemporânea. Portanto, o seu estudo é fundamental para a compreensão da história da arte recente.

A década de 1960 foi para o cenário brasileiro um momento marcado por fortes repressões, quando manifestações culturais foram vigiadas, oprimidas e moldadas pelo governo ditatorial. Vale lembrar que o golpe de 1964 completou 60 anos em 31 de março do presente ano, permanecendo ainda feridas na memória coletiva. Durante os anos de chumbo, na ausência de uma clara oposição política ou por um movimento de camuflagem da arte contemporânea no Nordeste, uma das estratégias do regime militar foi a promoção da arte popular e temáticas regionalistas, visto que essa tendência estava em voga, sobretudo, nos Estados que almejavam reforçar a centralização dos ideais nacionalistas e outras referências que retroalimentam as ideologias impostas pelo governo na época. Segundo o historiador e crítico de arte, Rafael Cardoso, a arte que não abarcava esses ideais aparecia “[...] quase sempre em papel secundário [...] subordinada ao nacional, resumida ao folclore ou instrumentalizada como primitivismo, quando não é relegada ao deboche e ao estereótipo” (CARDOSO, 2022, p.20).

Nesta perspectiva, os territórios regionais se organizaram de acordo com as relações micro-espaciais e macro-espaciais de cunho nacional e regional, a partir dos aspectos culturais, econômicos e políticos de cada lugar. Sendo assim, as Artes Visuais inseridas na literatura acadêmica ou que eram propagadas nos meios comuns de comunicação foram subordinadas à visão de modernidade artística construída a partir do Sudeste. Retomando a noção de arte de cunho político, vale observar o crescente sentimento de unificação da nação na era Vargas com os movimentos nacionalistas, alicerçada posteriormente na ditadura militar de uma maneira extremamente violenta.



Observa-se que o Rio Grande do Norte é uma região geograficamente distante do eixo econômico Rio/São Paulo, assim como outros contextos da região do nordeste, sofreu com a chamada “diáspora cultural” (BARBOSA, 1997, p. 241), muitos artistas saíram dos seus lugares de origem para conseguir se estabelecer dentro de um sistema de arte mais amplo, onde eles tivessem maior autonomia. Com a mudança desses artistas, ocorreram sobrevivências quase que na sua totalidade marginais.

Na época, o termo “marginal” era utilizado também para se referir à condição de quaisquer figuras ou conceitos situados na periferia. Podia ser usado tanto para descrever um criminoso vítima da brutalidade policial quanto uma figura política perseguida que precisava se esconder ou viver clandestinamente, os pobres e os destituídos, os loucos, e até mesmo artistas emergentes sem conexões com o mercado de arte. (CALIRMAN, 2013, p. 95).

No entanto, conforme os anos se passaram diante de movimentos de resistência, consequentemente, chegamos ao chamado período de redemocratização (1974-1985). Nesse momento, os artistas nordestinos avançam nos debates artísticos mais contemporâneos. Sendo assim, o cenário artístico norte-rio-grandense, considerado marginal por estar fora do eixo hegemônico do sistema da arte nacional, experienciou uma considerável mudança. Anteriormente a produção predominante era tendenciosamente moderna com foco na pintura, desenho e escultura, além de possuir uma considerável concentração e invocação estética naif e da arte popular. Tais tendências permanecem, contudo, vertentes da arte contemporânea, inclusive em rede e/ou colaborativas como a Arte Correio, começam a disputar espaço no sistema local.

Memórias compartilhadas

O contexto cultural do Rio Grande do Norte durante os anos de 1970 a 2000 foi marcado pelo contexto político mencionado, por manifestações e eventos artísticos que foram vividos por agentes locais. Destacam-se o movimento Arte Postal, Poesia Visual, a Galeria do Povo, os grupos Cobra, Oxente e M8M (Movimento 8 de Maio), entre outros. Durante os anos 2021 e 2022, quatro atores desse contexto cederam entrevistas à equipe do Projeto *Artes Visuais no Rio Grande do Norte (1970 a 2000): fontes visuais e documentais*³; a saber: Sanzia Pinheiro (curadora), Vicente Vitoriano (artista e crítico de arte), Alexandre Eduardo (artista e agente cultural) e Guaraci



Gabriel (artista). Na ocasião, eles compartilharam suas memórias, experiências e leituras de mundo. Dessa forma, uma narrativa entrelaçada às histórias de vida desses sujeitos começou a ser construída a partir das suas memórias e vozes.

Vale observar que até meados do anos de 1970, o sistema artístico do Rio Grande do Norte refletia a permanência de produções artísticas ainda associadas à estética modernista e popular. Contudo, foi nesta mesma época que a juventude natalense ligada ao movimento da contracultura, reivindicou novas expressões artísticas, mais experimentais, bem como a criação de espaços alternativos de exibição da arte e progressiva incorporação ao sistema artístico local. Tais mudanças foram geradas por perspectivas interdisciplinares entre as artes. Ocorreram festivais no Forte dos Reis Magos (patrimônio local), reunindo diversas ações artísticas, performances e apresentações musicais, o evento ficou conhecido como Festival de Arte de Natal (FAN) ou Festival do Forte. Particularmente, entre 1980 e 1990, ocorreram várias iniciativas culturais e a divulgação de publicações alternativas, tabloides, fanzines, destacando-se as produções ligadas aos movimentos Poema/Processo e Arte Correio (ALVES, 2023, p. 683-687).

Os entrevistados que viveram esse período de renovação estética no contexto da cidade de Natal (RN), eram membros da comunidade jovem da época ligada ao movimento de contracultura que expandiu as possibilidades de atualização das artes visuais para um experimentalismo conjugado à arte contemporânea e à cultura local. Para tanto, a investigação adotou como processo metodológico a história oral, este encaminhamento foi o ponto de partida que culminou na busca de fontes complementares em arquivos físicos, digitais e nos acervos documentais e visuais do Setor Museu de Arte do Núcleo de Arte e Cultura da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (NAC/UFRN), hemeroteca digital da Biblioteca Nacional, Pinacoteca do Estado do Rio Grande do Norte (Pinacoteca Potiguar). O cruzamento dessas fontes com os dados revelados nas falas dos entrevistados elucidam uma estreita relação entre arte e vida, igualmente, arte e política.

O instrumento de pesquisa seguiu a linha de entrevistas semi-estruturadas. Todas as conversas foram gravadas e acompanhadas pela coordenação e equipe do projeto, os estudantes do curso de Licenciatura em Artes Visuais da UFRN, Ygor Matheus



Medeiros Anário, Naura Rita Vicente da Silva Fernandes, Mariana Gomes Cabral e Lorena Gabriele Bezerra dos Santos. Os entrevistados foram recebidos na sala virtual e após as saudações iniciais, as perguntas foram expostas como um guia aberto para nossa conversa. As questões norteadoras foram:

Quando você iniciou suas atividades no campo das Artes Visuais?
Como foi a sua trajetória no campo das Artes Visuais?
Entre 1970 a 2000, você participou de algum movimento artístico ou grupo de artistas no Rio Grande do Norte? Como foi essa experiência?
Você conheceu ações de movimentos artísticos ou grupos de artistas no Rio Grande do Norte atuantes entre 1970 a 2000? Como foi a recepção estética e cultural dessas?
Entre as exposições artísticas realizadas no contexto local entre 1970 a 2000, quais você considera de maior impacto na cena artística potiguar? (Arquivo do Projeto Artes Visuais no Rio Grande do Norte: fontes visuais e documentais. Instrumento de pesquisa, 2021, não paginado).

Assim nosso diálogo começou, surgindo outras questões e trocas ao longo do desenvolvimento dos depoimentos.

As vozes

Um dos nossos depoentes foi Vicente Vitoriano (2021), professor aposentado, artista e crítico de arte local. Ele descreveu que sua iniciação artística começou ainda na adolescência, no interior do Estado. Quando jovem se mudou para a capital e cursou arquitetura na UFRN, durante esse período estabeleceu redes de trabalho no circuito artístico natalense. Ele relatou sua participação no grupo Cobra do RN, que foi um ativo coletivo do final dos anos 70 e primeiros anos dos 80, organizado pelo jornalista Franklin Jorge. O grupo era formado por Fernando Gurgel, Flávio Américo, Vicente Vitoriano, Gilson Nascimento, Fernando de Oliveira, Sandoval Fagundes e Nival Mendes. Por ser um grupo de pintores, esses artistas marcaram presença nas galerias locais, destacando-se a exposição de 1979 na Galeria de Arte Credimus em Fortaleza, Ceará (Imagem 1).

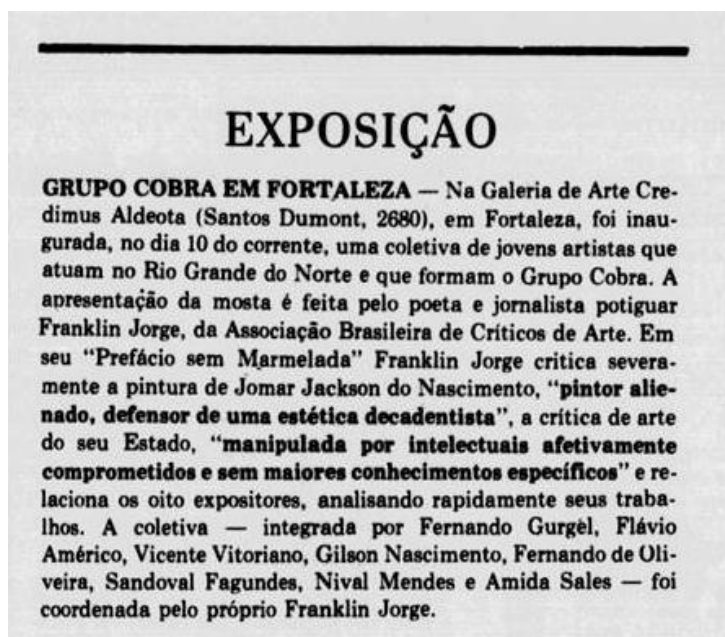


Imagem 1. DIÁRIO DE PERNAMBUCO. **Exposição.** Recife, 1979 (detalhe).
Fonte: Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

O grupo Cobra do RN participou de exposições na região e teve uma presença visual ligada à retomada do surrealismo e da *pop art*, sendo, em certo sentido, um movimento de renovação da pintura local. Contudo, apesar do grupo Cobra se encaixar dentro do sistema nos espaços convencionais das galerias, nem todos os artistas locais tinham a mesma receptividade. Assim, o movimento Galeria do Povo foi criado em 1977 (Imagem 2). Segundo o relato do criador da galeria, Eduardo Alexandre (2021), a proposta do movimento era democratizar a arte, dando acesso a todos. Foi uma ação coletiva, qualquer artista (profissional ou amador) poderia participar das exposições organizadas sem um real intento expográfico, pois as mostras ocorreriam nas ruas, no calçadão das praias, em qualquer lugar que tivesse um muro para ser ocupado com pinturas, desenhos, poesias e pudesse ser o ponto de encontro da juventude dos anos 70 a 90, uma forma de protesto, bem como uma reivindicação por um espaço destinado às manifestações culturais (Imagem 3).



Imagem 2. O POTI (RN). Praia dos artistas tem Galeria do Povo. Natal, 1977 (detalhe).
Fonte: Hemeroteca da Biblioteca Nacional.



Imagem 3. O POTI. A grande batalha por um espaço cultural para o povo. Natal, 1983.
Fonte: Hemeroteca da Biblioteca Nacional.



O movimento Galeria do Povo promoveu reivindicações e pautas políticas associadas às exposições/ocupações. Ocorreram marchas, protestos e demandas por projetos ligados à promoção das novas linguagens artísticas. Eduardo Alexandre (2021) também relatou a tentativa de criação de um partido político vinculado ao movimento Galeria do Povo. O entrevistado informou que os participantes das marchas levavam faixas com mensagens de protesto em prol do retorno ao pleno exercício da democracia no Brasil, incluindo a expectativa de tombamento de um muro como patrimônio do Estado (Imagem 4). Para ele, a Galeria do Povo nasceu nos anos 70 e ainda permanece ativa. Eduardo Alexandre afirmou que o projeto Galeria do Povo é a sua “tese”, defendida na vida junto à sociedade.



Imagem 4. DIÁRIO DE NATAL. Fundadores da Galeria do Povo querem o tombamento. Natal, 1981. Fonte: Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

A pesquisa contou com a voz de uma mulher entre os entrevistados, a curadora Sanzia Pinheiro (2021). Sua fala apresentou dados biográficos sobre sua origem familiar. Sanzia relatou que membros da sua família participavam do circuito artístico natalense, destacando os tios que eram pintores e sua irmã, Sayonara Pinheiro, integrante do grupo Oxente. Os artistas que formavam esse grupo frequentavam a casa da família de Sanzia. No espaço do lar, ela desenvolveu uma relação afetiva com os integrantes do grupo Oxente e começou a dar opinião sobre as ações artísticas promovidas por eles na cidade de Natal.



Guaraci Gabriel foi um dos artistas que participaram do grupo Oxente, ele também cedeu um depoimento. Além dele e de Sayonara, Civone Medeiros e Cícero Cunha formaram o grupo Oxente a partir de afinidades criativas. Na época, o grupo realizou ações de intervenção ambiental, performances e experimentações no espaço urbano que romperam com a pintura de cavalete e outras práticas mais tradicionais. Guaraci Gabriel (2021) relata que as atividades do grupo aconteceram durante os anos 80, na época a situação política era “aparentemente” mais tranquila. Vale observar que já estava em curso a redemocratização, assim, certa liberdade começava a ser vivenciada, mas com muitas sequelas e traumas dos anos de chumbo. Apesar dessa percepção, a população natalense não estava acostumada com o experimentalismo e a efemeridade da arte contemporânea, portanto, as reações do público foram diversas em relação às novas práticas artísticas exploradas pelo grupo Oxente.

Guaraci relatou que a participação no grupo Oxente foi importante para sua primeira fase artística, parte importante da sua biografia. Após o desfecho do grupo, passou a trabalhar com escultura, participou da Bienal de Cuba e de outras exposições. Além do Oxente, Guaraci Gabriel integrou o grupo M8M (Movimento 8 de Maio) em 2000, assim como Sanzia Pinheiro. O Movimento 8 de Maio dos Artistas de Natal, congregou 30 integrantes e foi um grupo muito plural (formado por artistas naifs, da arte contemporânea ou moderna). Juntos tinham uma posição política de luta pela promoção da arte e da cultura, realizaram exposições, falas, residências artísticas e outros eventos. M8M entrelaçou vidas, aproximando novos artistas das gerações anteriores, pois o núcleo da geração de agentes culturais dos anos 80 permaneceu ativo e militante.

Sanzia Pinheiro (2021) também relatou que sua primeira experiência curatorial surgiu dentro do M8M, posteriormente veio a trabalhar com Leonor Amarante no Panorama 0.8, integrou a equipe de curadores do Projeto Rumos e atuou na Fundação Cultural Capitania das Artes (FUNCARTE). Entre suas curadorias, a exposição *Escrituras e Existências* realizada no Encontro de Escritores Natalenses em 2007, possui uma história singular. Segundo a entrevistada, ela desejava realizar uma curadoria sobre livro de artista, mas a proposta enfrentou uma dificuldade basilar — o livro de artista não era um meio de expressão conhecido pela maioria dos artistas locais — diante



dessa situação, foram realizadas oficinas e as produções geradas foram apresentadas na exposição *Escrituras e Existências* (Imagens 5, 6 e 7).

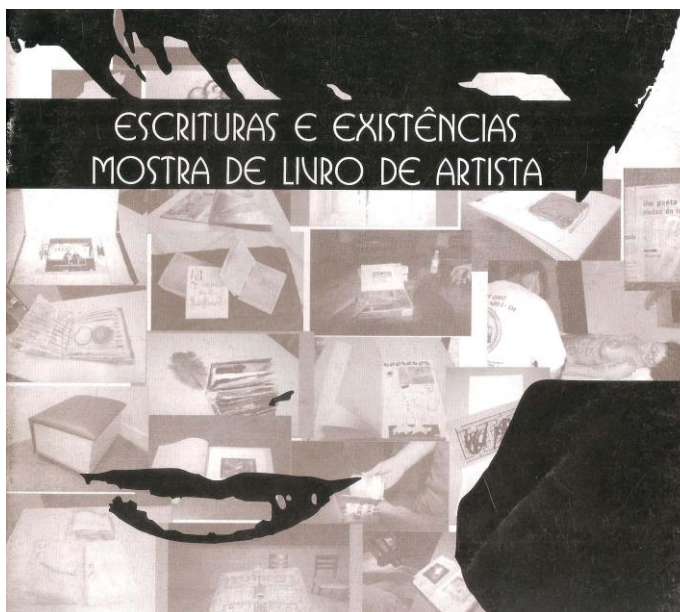


Imagem 5. Capa do Catálogo da Exposição Escritura e Existências, 2007.
Fonte: Arquivo de Sanzia Pinheiro.

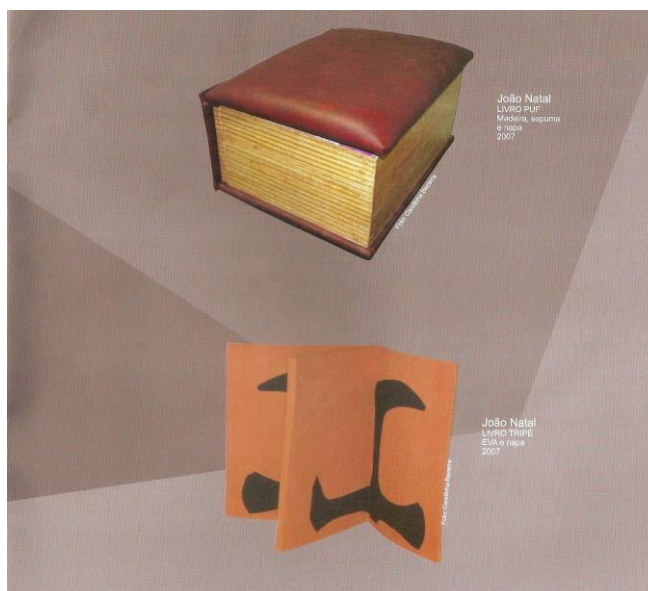


Imagem 6. Página interna do Catálogo da Exposição Escritura e Existências, 2007. Trabalhos realizados por João Natal, artista participante da mostra. Fonte: Arquivo de Sanzia Pinheiro.

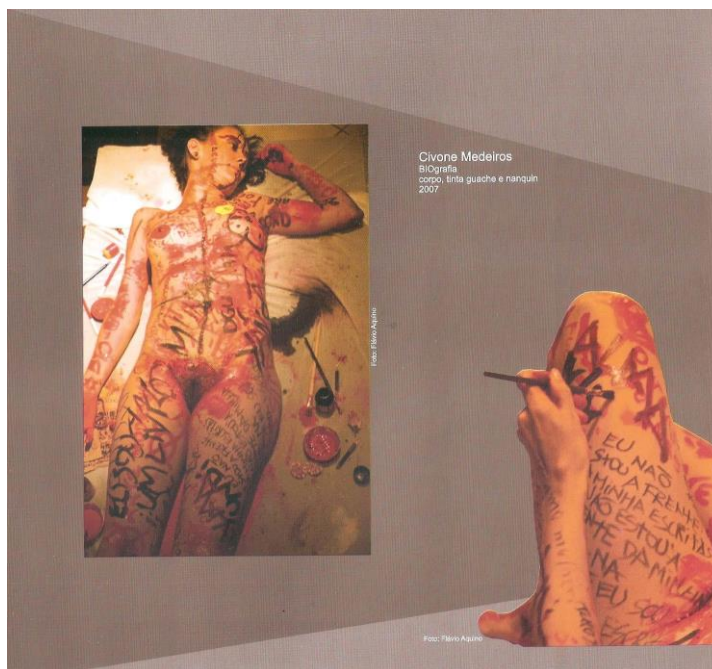


Imagem 7. Página interna do Catálogo da Exposição Escritura e Existências, 2007. Trabalhos realizados por Civone Medeiros, artista participante da mostra. Fonte: Arquivo de Sanzia Pinheiro.

A mostra revelou diversas formas de conceber o livro de artista, desde processos mais tradicionais (papel) à práticas corporais/ performáticas (Imagem 7), além de misturar gerações de artistas. O depoimento de Sanzia Pinheiro (2021) também destacou outros acontecimentos e mostras relevantes. Por fim, a curadora reconheceu a necessidade de estudos sobre a história da arte no Rio Grande do Norte e relatou que durante uma conversa sobre o movimento M8M com uma artista local (graduanda em Artes Visuais/UFRN), a jovem artista comentou que esse movimento era desconhecido por muitos dos seus pares.

Comungando de percepção semelhante, o estudo aqui apresentado visa expandir o conhecimento sobre a arte no Rio Grande do Norte. Assim, na medida que novas problemáticas são pensadas no interior dessa narrativa em construção, cada voz ganha novos significados dentro das formas de compreensão histórica e culturais relacionadas à memória das Artes Visuais.

Referências

ALVES, F. C. Arte Correio entre contextos: a coleção do NAC-UFRN e outras conexões. **MODOS: Revista de História da Arte**, Campinas, SP, v. 7, n. 3, p. 680-707, set.2023. 10.20396/modos.v7i3.8672892. Disponível em: <https://>



periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/mod/article/view/8672892. Acesso em: 29 abr. 2024.

ALVES, F. C. Arte no RN em Movimento: o que muda a partir da década de 1970?. In: **Existências: Anais do 31º Encontro Nacional da ANPAP**. Anais... Recife (PE) On-line, 2022. Disponível em: <https://www.even3.com.br/anais/31ENANPAP2022/505531-ARTE-NO-RN-EM-MOVIMENTO--O-QUE-MUDA-A-PARTIR-DA-DECADE-DE-1970> Acesso em: 29 abr. 2024.

ALVES, F. C. **Arquivo** do Projeto Artes Visuais no Rio Grande do Norte: fontes visuais e documentais. Instrumento de pesquisa, 2021.

BARBOSA, Ana Mae. As artes plásticas no Nordeste. In: **Revista Estudos Avançados**, São Paulo, v. 11, p. 241-255, 1997. Disponível em: [Vista do Artes plásticas no Nordeste \(usp.br\)](http://vista.do.artesplasticas.no.nordeste.usp.br). Acesso em: 29 abr. 2024.

CARDOSO, R. A reinvenção da Semana e o mito da descoberta do Brasil. **Estudos Avançados**, São Paulo, Brasil, v. 36, n. 104, p. 14–34, 2022. DOI: 10.1590/s0103-4014.2022.36104.002. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/194922>. Acesso em: 29 abr. 2024.

CALDAS, Dorian Gray. **Artes Plásticas no Rio Grande do Norte**. Natal, Editora UFRN, 1989.

CALIRMAN, Claudia. **Arte brasileira na ditadura militar**: Antonio Manuel, Artur Barrio e Cildo Meireles. 1ª edição. Rio de Janeiro: Réptil, 2013.

DIÁRIO DE NATAL. **Fundadores da Galeria do Povo querem o tombamento**. Natal, 27 de janeiro de 1981. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/028711_03/3729. Acesso em: 29 abr. 2024.

DIÁRIO DE PERNAMBUCO. **Exposição**. Recife, 23 de maio de 1979. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/029033_15/136166. Acesso em: 29 abr. 2024.

FACULTAD DE ARTES Y HUMANIDADES UNIANDES. **Actores 2 Curadores, historiadores, críticos, coleccionistas y periodistas**. XV Jornadas de Historia del Arte “La contemporaneidad del pasado: historiografías para las Américas”, Chile, 2023. (1:48 min). Disponível em: [Mesa 5 Actores 2 Curadores, historiadores, críticos, coleccionistas y periodistas XV Jornadas de \(youtube.com\)](https://www.youtube.com/watch?v=Mesa5Actores2Curadores,historiadores,criticos,coleccionistasyperiodistasXVJornadasde) Acesso em: 29 abr. 2024.

JORDÃO, Fabrícia Cabral de Lira. **As atuações e contribuições institucionais e artistas e intelectuais no campo das artes visuais durante o período da redemocratização brasileira (1974-1989)**. 2018. 264 f. Tese (Doutorado em Artes Visuais). Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP), São Paulo, SP, 2018. Disponível em: [As atuações e contribuições institucionais de artistas e intelectuais no campo das... \(usp.br\)](https://www.usp.br/as-atuacoes-e-contribuicoes-institucionais-de-artistas-e-intelectuais-no-campo-das...) Acesso em: 29 abr. 2024.



SANTOS, L.G. B. Artes Visuais no Rio Grande do Norte - estudo histórico e cronológico. In: **XXXIII Congresso de Iniciação Científica e Tecnológica da UFRN**, 2022. Anais... Natal (RN) On-line, 2022. Disponível em: [CICT - Congresso de Iniciação Científica e Tecnológica \(ufrn.br\)](http://www.cict.ufrn.br/) Acesso em: 29 abr. 2024.

O POTI (RN). **Praia dos Artista tem Galeria do Povo**. Natal, 6 de novembro de 1977. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/031151_03/8287 . Acesso em: 29 abr. 2024.

O POTI (RN). **A grande batalha por um espaço cultural para o povo**. Natal, 9 de outubro de 1983. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/031151_04/6542 . Acesso em: 29 abr. 2024.

Entrevistas

Sanzia Pinheiro. Entrevista - 03/09/2021. Arquivo do Projeto Artes Visuais no Rio Grande do Norte (1970 a 2000): fontes visuais e documentais (UFRN).

Vicente Vitoriano. Entrevista - 24/09/2021. Arquivo do Projeto Artes Visuais no Rio Grande do Norte (1970 a 2000): fontes visuais e documentais (UFRN).

Eduardo Alexandre. Entrevista - 13/12/2021. Arquivo do Projeto Artes Visuais no Rio Grande do Norte (1970 a 2000): fontes visuais e documentais (UFRN).

Guaraci Gabriel. Entrevista - 16/11/2021. Arquivo do Projeto Artes Visuais no Rio Grande do Norte (1970 a 2000): fontes visuais e documentais (UFRN).

Notas

1. Professora do Departamento de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (DEART-UFRN). Doutora em Artes pela Universidade Estadual paulista "Júlio de Mesquita Filho" (UNESP). Líder do MATIZES - grupo de pesquisa em Artes Visuais (CNPq). E-mail: fabiola.cristina.alves@ufrn.br. Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0002-7779-3219> Lattes ID: <http://lattes.cnpq.br/6838453885637422>. Natal, Brasil.

2. Graduada em Licenciatura em Artes Visuais pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Membro do MATIZES - grupo de pesquisa em Artes Visuais (CNPq). E-mail: lorenasantos.hs@gmail.com Lattes ID: <http://lattes.cnpq.br/9861606394245568>. Natal, Brasil.

3. Este artigo é uma versão ampliada da comunicação realizada na mesa *Actores, Curadores, historiadores, críticos, coleccionistas y periodistas* da XV Jornadas de Historia del Arte "La contemporaneidad del pasado: historiografías para las Américas", organizada pela Uniandes (Chile) 2023.